



## Música

### A FOSCA FÔSKA

Meio fôska essa Fosca que se cantou anteontem à noite no Municipal, em prosseguimento ao processo de suburbanização que as temporadas líricas nacionais — raras são as récitas que se excetuam — vêm desde há muito submetendo o nosso maior teatro. Meio fôska, realmente, sem maior brilho de arte vocal verdadeira, sem interesse cênico ou cenográfico, transcorreu a récita, formando meio de contraste para que o soprano Aracy Bellas Campos tivesse, no elenco, primazia absoluta.

Na protagonista, o soprano Ida Miccolis demonstrou ser cantora dotada de raros recursos naturais de matéria, cuja voz, entretanto, e, mal comparando, um diamante fôsko, que cumpriria lapidar, segundo os métodos da técnica e escola vocais. A impureza dos seus agudos se faz notória; às vezes são alcançados por baixo da nota, antes de se fixarem na altura exata e, via de regra, mesmo quando a nota se atinge em cheio, fazem com que se observe não se tratar de emissão propriamente dita — no sentido de que

dispõe o cantor de um instrumento cujos sons, em todos os registros, lhe pertencem, e podem ser dados com a mesma aparente simplicidade — e sim de uma nota alcançada a custa de robustez natural da garganta. O instrumento vocal só se afeiçoou pela escola, que é o que falta precisamente ao soprano Ida Miccolis. Tais considerações de ordem técnica elementar poderiam multiplicar-se aqui. Mas este não é o lugar de estendê-las. Elas deveriam ocorrer obrigatoriamente aos organizadores da Lírica que, na realidade, não de agora, vêm prejudicando, vêm mesmo sabotando a causa do teatro lírico nacional com a mentalidade amadorística que preside aos espetáculos. Não sabe também essa Fosca mover-se em cena, e em nenhum momento nos

transmite a impressão de naturalidade artística no palco. Tudo somado, nos conduz àquela suburbanização do Municipal, visível até no aspecto melancólico da plateia, onde aliás há muito jovens, mal iniciados no repertório lírico, que lá estão perdendo tempo, o qual se-

ria mais bem empregado se ao cinema fossem, ou ficassem lendo, ou ouvindo discos, em casa, ou talvez, se preferissem, namorando.

É pena que tratamento semelhante seja impresso a Fosca, que será, melodicamente, no estilo do melodrama italiano, a obra mais generosa de Carlos Gomes. Regeu a Orquestra do Municipal o maestro Santiago Guerra. Depois do Prelúdio orquestral, de insinuante e amável linha melódica, e aberto o pano, mostrou-se o côro bem coeso e ensaiado, caracterizando os corsários. Depois o baixo Newton Fava — Gajolo — veio expor aos companheiros o plano do rapto das virgens de Veneza, e o fez, não sem relevo, com a voz bastante grande que possui. Seguiu-se a preghiera de Fosca — *Pratiel da un rascino* — dentro das condições já examinadas, para que então o baritonista Lourival Braga — o Cambro — viesse cantar a ária — *D'amore l'ebbrezze*, fazendo-o regularmente bem. Lourival Braga melhorou muito em relação ao seu último Scarpia, mas ainda não

reatingiu sua forma vocal anterior, que o fez considerar uma das mais válidas figuras da nossa cena lírica. No dueto da cena seguinte, de Paulo e Fosca — *Cara città natia* — interveio então o tenor Alfredo Colosimo, que é outro destaque de valor do teatro de ópera nacional. Embora esses três cantores tenham mérito, não lhes caberia fazer aigçar a representação do seu ambiente inequívoco de espetáculo popular — eufemismo que designa, especialmente em

teatro lírico, as récitas mal-acabadas. Os três, no entanto, não deixaram de portar-se anteontem como artistas profissionais. Mas o soprano Ida da Miccolis se portou como amadora. Uma amadora de grandes possibilidades vocais; mas amadora.

O dueto de Aracy Bellas Campos (Délia) e do tenor Alfredo Colosimo, do início do segundo ato, teve transcurso louvável. A cantora Aracy Belas Campos estava em uma de suas noites felizes, cantando com pureza e limpidez de técnica, o que faz sobressair a beleza ao

seu timbre. Outra vez o baritonista Lourival Braga, em *I vando dai mondi*, embora correto, leva a reobservar que esse apreciável cantor não se encontra na sua melhor fase, já atingida, comparativamente, em temporadas anteriores. A cena seguinte nos conduz à praça de Veneza onde se ergue o templo que servira as bodas. Isso dito assim parece evocar um cenário majestoso, mas era preciso ver o que se apresentava no Municipal. Cabe aí assinaar que a famosa ária de Fosca — *Quale orribile peccato*, verdadeiramente e dramática, foi mais bem expressa pelo soprano Ida Miccolis que suas páginas anteriores. Há então o rapto. E de se supor, muito naturalmente, que o rapto ocorra na praça, quando chegue a noiva, e se ouve um grande concertante. Mas, não. O rapto ocorre no interior da igreja: a fôlhas tantas o soprano Délia sai da igreja, puxada simplesmente por uma das mãos pelo baritonista Cambro e desaparecem nos bastidores. Rapiou-me também o sono para casa.

EURICO NOGUEIRA FRANÇA